

Estreitamentos bibliográficos entre consumo de drogas, família e religião

Bibliographical narrowing between consumption of drugs, family and religion

Gilson Xavier de Azevedo

Mestre em Ciências da Religião
(Centro de Educação Teológica e Humanística Logos)
Professor Titular de Filosofia do Direito pela FAQUI;
Professor Titular de Políticas Públicas pela UEG
Com apoio das seguintes agências: PUC/UEG/FAPEG

Janice Aparecida Azevedo Fernandes

Especialização em psicopedagogia (UEG)
Graduação em Licenciatura Plena em Letras (UEG)

Resumo

Esse artigo pretende trazer e avaliar os principais resultados de pesquisas nacionais e internacionais de referência sobre a relação entre o uso de drogas e os processos de recuperação propostos por Instituições confessionais que considerem como variáveis os pontos: família, moral, fatores de risco, adolescência, recuperação e religião. O artigo traz um questionamento sobre a qualidade dos resultados preventivos e de recuperação de indivíduos viciados em drogas ilícitas. Para tanto foi realizada na base de dados SCIELO não construindo limite de datas para a seleção, e utilizando os seguintes descritores: "adolescentes", "tratamento", "álcool e drogas", "resultados de tratamento", "uso de substâncias psicoativas", "Religião"; sendo encontrados 13 artigos que atendiam à expectativa desta proposta.

Palavras-chave

Adolescentes. Drogas. Religião. Tratamento. Vício.

Abstract

This article intends to provide and assess the main results of national and international reference on the relationship between drug use and recovery processes proposed by religious institutions to consider the points as variables: family, morality, risk factors, adolescents, recovery and religion. The article presents an inquiry into the quality of the results of preventive and rehabilitation of individuals addicted to illicit drugs. For that was held in the database SCIELO not building dates to limit selection, and using the following descriptors: "Teenagers," "treatment," "alcohol and drugs," "treatment outcomes", "SUD" "Religion", and found 13 articles that met the expectations of this proposal.

Keywords

Adolescents. Drugs. Religion. Treatment. Addiction.

Introdução

O consumo de drogas entre adolescentes (12-16 anos) e jovens (17-25 anos) vem aumentando expressivamente nos últimos anos por diversos fatores que envolvem segurança pública, economia, educação e religião. Há que se pensar a questão do consumo e do processo de vício e de substâncias alucinógenas também do ponto de vista da influência familiar, considerando então como variantes a família, a sociedade, a estrutura financeira global e suas especificidades, as exigências do mercado aos jovens bem como sua possível vertente de exploração, além de uma infinidade de outras variantes. Nesse sentido, Pons Diez desenvolveu um estudo em que buscou determinar as relações existentes entre o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos adolescentes e as variáveis psicossociais de membros do sistema familiar em relação às estratégias educativas paternas.¹

Segundo Pons Diez, o sistema familiar desempenha um papel fundamental no aparecimento de comportamentos desajustados em crianças. Os pais, intencionalmente ou não, são a mais poderosa influência na vida de seus filhos. Para o autor, o uso de drogas pelos pais incentiva o consumo das mesmas substâncias ou outros por crianças.² No entanto, Pons Diez deixa claro que indução é quase imperceptível no cotidiano de uma família comum, não somente pelo consumo de tais substâncias, mas também pela possibilidade de encontrar um componente genético para explicar a transmissão familiar.³

O estudo indutivo desenvolvido por Pons Diez

[...] teve uma amostra de 1.100 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 15 e 19 anos na cidade de Valência. Os indivíduos foram pesquisados por: a) via paternal socializadora estratégias; b) os adolescentes para a utilização de sete tipos de bebidas alcoólicas nos membros da família e c) utilização de sete tipos diferentes de bebidas alcoólicas por adolescentes nos finais de semana.⁴

Assim como o consumo, independente de sua origem motivadora, a variedade de drogas também vem aumentando. Segundo uma reportagem do *portal G1* (26/06/2007), a proporção de brasileiros que usam maconha foi a que mais cresceu, sendo que o país se tornou o centro de distribuição da cocaína colombiana e boliviana.

As conclusões estão em um relatório do Escritório da Organização das Nações Unidas (ONU) contra Drogas e Crime, que será divulgado nesta terça-feira (26). Segundo o estudo, a proporção da população brasileira que

¹ PONS DIEZ, Javier. El modelado familiar y el papel educativo de los padres en la etiología del consumo de alcohol en los adolescentes. *Revista Española de Salud Pública*, Madrid, v. 72, n. 3, p. 251-266, Mayo/Jun. 1998. Disponível em <<http://scielo.isciii.es/pdf/resp/v72n3/modelad.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

² PONS DIEZ, 1998, p. 251ss.

³ PONS DIEZ, 1998, p. 252ss.

⁴ PONS DIEZ, 1998, p. 251.

consome cocaína cresceu de 0,4%, em 2001, para 0,7%, em 2005 - o que corresponde a 860 mil pessoas de 15 a 64 anos. Os estados do Sul e Sudeste são os que concentram maiores índices de consumidores. O uso crescente da droga no Brasil elevou os índices da América Latina. O percentual da população dessa região que diz ter consumido cocaína ao menos uma vez na vida passou de 2,3% para 2,9%, no mesmo intervalo. Enquanto o consumo brasileiro aumentou, a produção de cocaína na América Latina sofreu uma queda de 2% entre 2005 e 2006, embora os números por país não sejam homogêneos. O cultivo de coca na Colômbia caiu 9%, mas aumentou 8% na Bolívia e 7% no Peru. Mas foi o consumo de maconha o que mais cresceu no Brasil. Em 2001, 1% dos brasileiros entre 15 e 65 anos consumia a droga. O índice subiu para 2,6% em 2005. Por outro lado, a ONU indica que o número de consumidores de maconha no mundo caiu de 162 milhões, em 2004, para 159 milhões, em 2005. Houve também aumento no consumo de anfetaminas, que chega a 0,7% dos brasileiros, e de ecstasy, consumido por 0,2% da população. As informações são do jornal "O Estado de S. Paulo".⁵

Diante do aumento e quadro exposto na citação acima, pais, escolas, Ong's, "políticos" e religiões tem empreendido importantes trabalhos dentro do processo de recuperação desses jovens, mas que tais empreendimentos tem se mostrado insuficientes em relação à demanda e crescimento do consumo de entorpecentes.

Nesse sentido, busca-se a seguir apresentar um comentário sobre a compilação de trabalhos já publicados que envolvam as vertentes drogas e religião, de modo a observar possíveis resultados obtidos nos processos de recuperação de viciados e usuários de tais substâncias.

Estudos referência sobre a relação uso de drogas e religião

A relação entre drogas e religião passa ao longo da história humana por diversas inter-relações, até díspares, do que se quer propor aqui como foco. Religiões, como a do Santo Daime, por exemplo, utilizam inclusive o que vem sendo estudado como um alucinógeno de grande poder viciante. Mas o que se deseja realmente averiguar desta relação é qual a participação religiosa no tocante ao processo de recuperação de dependentes, e, nesse sentido, é importante salientar que as pesquisas internacionais apresentadas por Paulo Dalgarrondo; Meire Aparecida Soldera; Heleno Rodrigues Corrêa Filho e Cleide Aparecida M. Silva tiveram como pressuposto a mesma relação drogas e prática religiosa de recuperação de químico-dependentes.⁶

⁵ CONSUMO de drogas no Brasil aumentou, diz ONU. *G1*, 26/06/07 - 08h38 - Atualizado em 26/06/07 - 14h15. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL58880-5598,00.html>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

⁶ DALGALARRONDO, Paulo et al. Religião e uso de drogas por adolescentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 82-90, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v26n2/a04v26n2.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

TABELA 01: Principais estudos nos EUA referentes à relação entre religiosidade e uso de álcool e drogas por estudante nos últimos 15 anos.

AUTOR/ ANO	OBJETO DE PESQUISA	PRINCIPAIS RESULTADOS
Monteiro et al., 1989	704 estudantes universitários (110 judeus e 594 cristãos)	Estudantes judeus apresentaram significativamente menos uso de álcool do que estudantes cristãos.
Clifford; Edmunso, 1989	683 estudantes universitários do Sudoeste dos EUA.	Estudantes que consumiam pouco álcool frequentavam mais cultos religiosos. Católicos liberais apresentavam um poliuso de álcool e drogas mais frequente.
Clark et al., 1993	Enquete nacional com 2.036 estudantes de medicina e 1.772 médicos residentes.	Estudantes de medicina e residentes que diziam não ter religião tinham mais envolvimento com álcool.
Cartucci et al., 1993	331 estudantes universitários de três campi de Estados do Leste	Ser católico e homem esteve associado a mais problemas relacionados ao uso do álcool.
Yarnold B.M., 1996	461 estudantes de escolas secundárias públicas da Flórida.	Quando a religião era considerada importante para sua vida, eles tendiam (não significativamente) a não usar heroína.
Patock-Peckham et al., 1998	364 estudantes universitários do Arizona com média de idade de 20 anos.	A religiosidade intrínseca (valores e normas religiosas e éticas introjetadas) relacionou-se, em protestantes, ao menor uso do álcool e menos problemas relacionados ao álcool.
Yarnold B.M., 1998	535 estudantes secundários de escolas públicas da Flórida.	Não se verificou associação entre religião, gênero, raça, desempenho escolar e atividades extracurriculares e uso de álcool.
Poulson et al., 1998	210 estudantes universitários nos estados "bibli belt".	Mulheres (mas não rapazes) com fortes convicções religiosas consumiam menos álcool e tinham menos comportamentos sexuais de risco.
Yarnold; Patterson, 1998	458 estudantes secundários de escolas públicas da Flórida	Considerar a religião importante para suas vidas foi um grande fator inibidor de uso da maconha.
Strote et al., 2002	Enquete nacional com 14.000 estudantes universitários, em 119 universidades.	Uso de ecstasy foi maior entre estudantes que consideravam a religião como menos importante.

Fonte: DALGALARRONDO et al., 2004, p. 83.

Nos estudos expostos na tabela 01, nota-se que a religião considerada pelo exposto como uma dimensão macro e isolada, tem fator preponderante em relação à prevenção, abstinência ou distanciamento do risco de iniciação do consumo, considerando as variantes, tabagismo, álcool e entorpecentes.

Também, no Brasil, algum estudo já vem sendo feito, embora a maioria destes estudos esteja vinculado ao universo do vício e das condições que a este conduzem. Fala-se ainda da recuperação em instituições não confessionais, mas pouco ainda se produziu sobre instituições religiosas em processos recuperativos de dependentes químicos; de modo que o texto passa a descrever tais estudos dando a eles os enfoques necessários dentro do viés que se desenvolve esta pesquisa.

No Brasil, foi realizado um estudo em 1992, por Carvalho e Cotrim, com 16.117 estudantes em quinze cidades brasileiras, e que segundo Dalgarrondo e outros, "mostrando uma correlação negativamente fraca, mas constante, entre consumo de álcool e drogas e frequência de atividades religiosas. Os jovens praticantes de atividades religiosas tendiam, dessa forma, a um menor uso de álcool e drogas".⁷ No país, em geral, as pesquisas analisadas partiram do pressuposto de que o consumo de drogas seria menor entre jovens que pertencessem a uma religião, ou tivessem algum outro fator moral.

Outro estudo importante desenvolvido no Brasil foi o de Borini e colaboradores, em 1994, estudando 322 estudantes de medicina em Marília, SP, verificou que a prevalência do uso de álcool (incluindo bebedores discretos, moderados e excessivos) era significativamente menor entre os protestantes (50%) em relação aos católicos (75,2%), espíritas (75,0%) e ateus (94,5%).⁸ Ele também não detectou, nessa amostra, bebedores excessivos entre os protestantes e os espíritas. Destaca-se ainda o estudo de Queiroz incluiu 2.564 estudantes universitários de 21 cursos da USP e utilizou uma análise de regressão logística. Este estudo revelou uma associação entre maior uso de drogas e não ter uma religião. Mais recentemente, Kerr-Corrêa e colaboradores, em 2002, realizaram um levantamento com 11.876 estudantes (11.382 universitários e 624 secundários) do Estado de São Paulo.⁹

O estudo desenvolvido por Dalgarrondo et al foi submetido a 2.375 estudantes de escolas públicas periféricas e centrais e escolas particulares da cidade de Campinas, SP, entrevistados no ano de 1998, sendo que as várias dimensões da religiosidade são possivelmente fatores relevantes na modulação do uso e abuso de álcool e drogas por diversos grupos populacionais, particularmente adolescentes e jovens. As drogas estudadas foram: álcool, tabaco, medicamentos, maconha, solventes, cocaína e ecstasy; o estudo apontou que o uso frequente, o uso de 6 a 19 vezes nos 30 dias que antecederam a pesquisa; e uso pesado, o uso em 20 dias ou mais nos 30 dias que antecederam a pesquisa. As substâncias que são largamente utilizadas, como tabaco, álcool, maconha e solventes.¹⁰

Outro estudo que merece destaque é o de Jorge Bezerra, Mauro Virgílio Gomes Barros, Maria Cecília Marinho Tenório, Rafael Miranda Tassitano, Simone Storino Honda

⁷ DALGALARRONDO et al., 2004, p. 83.

⁸ DALGALARRONDO et al., 2004, p. 83.

⁹ DALGALARRONDO et al., 2004, p. 83.

¹⁰ DALGALARRONDO et al., 2004, p. 83ss.

Barros e Pedro C. Hallal, desenvolvido com 4.210 estudantes do ensino médio da rede pública no Estado de Pernambuco considerados expostos às bebidas alcoólicas e ao tabagismo, os adolescentes que relataram consumo em pelo menos 1 dos últimos 30 dias, independentemente da intensidade da exposição. As variáveis relacionadas à religiosidade foram afiliação a uma religião e ser praticante de alguma religião.¹¹

De acordo com os autores, o estudo indicou a prevalência de exposição ao consumo de bebidas alcoólicas foi de 30,3%, significativamente superior entre os rapazes (38,6%) em comparação às moças (24,8%). A prevalência de exposição ao tabagismo foi de 7,8%, maior entre os rapazes (9,8%) do que entre as moças (6,2%). As análises brutas evidenciaram que, independentemente do sexo, a exposição ao consumo de bebidas alcoólicas e ao tabagismo foi inversamente associada tanto à afiliação quanto à prática religiosa. O ajustamento das análises por meio de regressão logística permitiu observar que, independentemente da afiliação, o adolescente que se considerava praticante de uma religião teve menor chance de relatar exposição ao consumo de bebidas alcoólicas (95%) e ao tabagismo (95%). Os resultados apontaram que a religiosidade pode atuar como modulador da exposição ao consumo de álcool e ao tabagismo na adolescência. Futuros estudos deverão analisar como o efeito protetor da religiosidade pode ser potencializado em intervenções e campanhas de saúde.

Bezerra et al. apresentam alguns estudos que vale à pena comentar, sobretudo, por terem relação com esta proposta de análise; é o caso do estudo de Souza e Silveira Filho na Cidade de Cuiabá em 1998, apontou a prevalência de uso recente de álcool e tabaco foi de 37,4 e 9,5%, respectivamente.¹² Por outro lado, os achados do presente estudo foram expressivamente mais baixos que outros analisados pelo mesmo autor. Bezerra expõe que fatores relacionados à religiosidade estão significativamente associados à exposição ao consumo de bebidas alcoólicas e ao tabagismo em adolescentes. O estudo aponta ainda que afiliação religiosa quanto a prática religiosa foram fatores que discriminaram significativamente a exposição a essas condutas de risco à saúde.¹³

A pesquisa proposta por Bezerra é uma das primeiras investigações no Brasil que analisa a associação entre religiosidade e exposição ao consumo de bebidas alcoólicas e ao tabagismo em adolescentes.¹⁴ Bezerra ainda apresenta o estudo proposto por Kelly et al., analisando dados de 2006 de um estudo realizado na Irlanda, onde verificaram que a prevalência de exposição ao consumo de álcool e de tabaco em jovens irlandeses foi de 26 e 15%, respectivamente. No estudo de Rew e Wong, revisaram evidências da inter-relação

¹¹ BEZERRA, Jorge et al. Religiosidade, consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo em adolescentes. *Revista Panamericana de Salud Pública*. Washington, v. 26, n. 5, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v26n5/09.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

¹² SOUZA, Delma P. Oliveira de; SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. Uso recente de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 10, n. 2, June 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v10n2/14.pdf>>. Acesso em: 09 Jun. 2012.

¹³ BEZERRA et al., 2009.

¹⁴ BEZERRA et al., 2009.

entre religiosidade/espiritualidade e condutas e atitudes de risco à saúde e dos 43 estudos revisados, após controle para as variáveis de confusão, 33 demonstraram efeitos positivos de fatores de religiosidade/espiritualidade sobre condutas de saúde.¹⁵

Bezerra ainda menciona o estudo de Marsiglia et al., que verificaram que o efeito protetor da religiosidade permaneceu somente em relação ao uso de álcool na vida, mas não explicou significativamente a exposição ao tabaco e à maconha. Por fim, Bezerra aponta artigo de Kliewer e Murrelle. De acordo com Bezerra, Kliewer e Murrelle verificaram que "acreditar em Deus" (um fator intrínseco) foi o principal fator de proteção em comparação a outras variáveis religiosas relacionadas ao ambiente familiar (religião dos pais) e escolar (educação religiosa).¹⁶

Um estudo mais recente proposto por Sinara de Lima Souza; Maria das Graças Carvalho Ferriani; Marta Angélica Iossi Silva; Romeu Gomes e Tatiana Costa Souza, mas pouco abrangente, cujos resultados foram divulgados na revista *Ciência & Saúde Coletiva*, sobre as representações socialmente construídas dos adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas, em uma Unidade de Saúde da Família da cidade de Feira de Santana, Bahia, desenvolvido com 21 adolescentes, sendo nove do sexo masculino e doze do sexo feminino, que atenderam os critérios de inclusão estabelecidos, apontou que, entre as garotas, como ideias relacionadas à ingestão de bebidas e suas consequências emergiram: fazer muitas besteiras (Bougainville - f - 12), ficar descontrolado (Sempre-viva - f -15) e ficar bêbado (Angélica - f - 10) quando se referiam ao beber pesado. De semelhante modo, as expressões utilizadas pelos garotos deixavam subentendido que beber estava relacionado ao consumo excessivo, a exemplo de menino cachaceiro (Orquídea - m -12).¹⁷

Em geral, acontece nos locais frequentados pelos jovens, ingestão de cinco doses de álcool numa mesma ocasião para homens e de quatro doses para mulheres. O estudo ainda apontou que o beber muito tanto pode indicar que os adolescentes são capazes de bater recordes, simbolicamente significando maior prestígio. Souza et al. ainda apontam que o seu ideal de família não corresponde ao real. O estudo não é conclusivo, apenas levanta questões sobre o tema.¹⁸

Outra pesquisa relevante foi feita por Daniel Míguez, que desenvolve uma pesquisa que aprofunda teoricamente os fatores droga, delito e religião em um processo analisado de recuperação de dependentes. Inicialmente o articulista considera como causa

¹⁵ BEZERRA et al, 2009.

¹⁶ BEZERRA et al, 2009.

¹⁷ SOUZA, Sinara de Lima et al. A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, maio 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n3/v15n3a16.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

¹⁸ SOUZA et al., 2010.

do aumento de casos de dependência e delitos enquanto efeitos da modernidade sobre as relações sociais.¹⁹

Inicialmente o autor aponta três causas: a perda da capacidade integradora nas relações assalariadas, a desestruturação dos laços familiares e das relações sociais sob a ótica tradicional e em terceiro, a ausência de objetivos no agir dos atores sociais. Míguez analisa o posicionamento do que chama de otimistas e pessimistas no que se refere à pós modernidade, como a desestabilização do trabalho e das relações e a substituição do homem pela tecnologia, além da ansiedade global gerada pela competitividade neoliberal.²⁰

Depois o autor faz importantes considerações ao comparar o crescimento pentecostal, vinculando as causas desse (os problemas já citados) ao crescimento de crimes e uso de drogas. Segundo Míguez, os três que compõe seu recorte são consequências ou efeitos da avalanche pós-moderna, sobremaneira no tocante à crise de identidade, do ser humano dentro dos aspectos pessoal, familiar e institucional.²¹ Nota-se na perspectiva de Míguez que a crise atual é de sentido e não simplesmente de estrutura. Lamentavelmente o estudo que traz resultados de dois entrevistados não permite um foco dedutivo, pois não permite universalizar seus resultados.²² Dentro do que foi exposto no início desta proposta, falou-se da questão familiar como uma das intersecções da questão do consumo e dependência do uso de drogas, de modo que serão abordados alguns estudos a seguir que fazem esta conexão.

Drogas e suas relações morais e familiares

Ao se pensar na relação entre uso de drogas e relações familiares, naturalmente as opiniões se dividem, dado que ora a família é posta como vítima, ora como vilã no caso. Dentro desse exposto, buscou-se aqui, analisar alguns artigos da plataforma Scielo, de modo a poder observar em dados o que se tem de conclusivo dentro desta relação.

Zila Sanchez; Lúcio Oliveira e Solange Nappo, da Universidade de São Paulo, ao analisar a questão do consumo de drogas entre jovens, levanta uma questão pontual em relação ao aspecto preventivo.²³ Citando, de início, algumas das pesquisas mais relevantes nesse campo (Scheier et al., 1994; Baus et al., 2002; Huesca et al., 2002; Pentz, 2003), Sanchez afirma que o silêncio das atuais constatações sobre o tema pecam muito nesse aspecto.

¹⁹ MIGUEZ, Daniel. Identidades Conflictivas Droga, Delito y Religión en un Programa de Rehabilitación de Adictos. *Revista Cultura y religión*, v. 1, nº. 1, p. 88-106, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/culturayreligion/article/view/211/199>>. Acesso em: 06 Abr. 2012.

²⁰ MÍGUEZ, 2007.

²¹ MÍGUEZ, 2007, p. 96.

²² MÍGUEZ, 2007.

²³ SANCHEZ, Zila Van der Meer; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de e NAPPO, Solange Aparecida. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciênc. saúde coletiva [online]*. 2004, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19822.pdf>>. Acesso em: 06 Abr. 2012.

Segundo Hanson, os fatores de proteção e onde devem atuar as políticas públicas são a família; forte envolvimento com atividade escolar e/ou religiosa e disponibilidade de informações convencionais sobre o uso de drogas.²⁴ Nota-se, de início, uma ênfase também interessante sobre o papel da religiosidade como se tratou anteriormente, também para Sanchez aparece atrelada como forma preventiva.

Ainda de acordo com Sanchez, Oliveira e Nappo, além de viver em um ambiente permissivo, outro fator de risco seria a própria adolescência, dado que faixa etária do início do uso de drogas dentro da adolescência, ou seja, entre 10 e 19 anos segundo os autores referenciados pelo artigo em questão.²⁵ Dentro do exposto, o aspecto preventivo, seja de origem religiosa (Miller, 1998; Blum et al., 2003; Wills et al., 2003), seja por outras vias, é considerado por Sanchez como essencial, embora não se argumente mais a respeito. Embora segundo Galduróz, Notto e Carlini, o número de adolescentes que já experimentaram droga ao menos uma vez não seja preocupante (25% segundo estudo feito com 15 mil em 10 capitais brasileiras), há que se evitar que se forme uma epidemia, dado que o aumento do consumo é progressivo.²⁶ Novamente, embora os dados coletados por Sanchez, Oliveira e Nappo sejam interessantes, o estudo por ela desenvolvido mostrou-se indutivo, dado o mínimo número de pessoas que entrevistara (62).

Uma pesquisa desenvolvida por Marília et al. apontam uma série de estudos que consideram a questão do tratamento de adolescentes usuários de álcool e outras drogas. Castro e Abramovay considerando que “a legitimidade de políticas gestadas por formas mais democráticas, sensíveis à diversidade de juventudes, e ao direito de representação dos próprios jovens no desenho e na gestão de políticas que lhes tenham como sujeitos”.²⁷

Outro estudo de relevância foi proposto por Rita Lepre e Raul Martins, publicado na revista *Paidéia*, procurou detectar a possível relação entre uso abusivo de álcool e raciocínio moral.²⁸ O estudo foi desenvolvido com adolescentes, entre 14 e 18 anos, que fazem uso abusivo de álcool, estudantes de uma escola pública de ensino médio em Assis-SP. O estudo observou que 56% encontram-se no Nível Pré-Convencional, ou seja, a maioria (56%) dos adolescentes que faz uso abusivo de álcool, na população estudada (13% no estágio 1 e 87% no estágio 2) e 44% encontram-se no Nível Convencional (100% no estágio 3).

Por sua vez, Kalina Martínez e outros desenvolve um estudo sobre os resultados preliminares do Programa de Intervenção breve para adolescentes iniciando o álcool e

²⁴ HANSON, 2002 apud SANCHEZ, 2004.

²⁵ KANDEL & LOGAN, 1984; PIKO, 2000; DE MICHELI & FORMIGONI, 2001; SANCHEZ & NAPPO, 2002; CHATURVEDI et al., 2003 apud SANCHEZ, 2004.

²⁶ GALDURÓZ J.C.F.; NOTTO A.R. & CARLINI, E.A. IV *Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1o e 2o graus em 10 capitais brasileiras*. CEBRID, Universidade Federal de São Paulo, 1998.

²⁷ CASTRO E ABRAMOVAY, 2002, p. 7 apud MARÍLIA et al., 2008.

²⁸ LEPRE, Rita Melissa e MARTINS, Raul Aragão. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.19, n. 42, p. 39-45, jan.-abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/06.pdf>>. Acesso em: 10 Abr. 2012.

outras drogas. Embora a proposta do autor seja interessante, trata-se de um estudo de caso com apenas 25 pessoas.²⁹ Não obstante, o estudo apontou que em momentos de emoções fortes e negativas, bem como em casos de mal estar físico, o tratamento de jovens dependentes sofre expressivo impacto.

André Malbergier, Luciana Roberta Donola Cardoso e Ricardo Abrantes do Amaral também se dedicam a analisar a questão do uso de substâncias na adolescência e os impactos familiares decorrentes desta. De acordo com o estudo,

o início do uso geralmente ocorre na adolescência e, nesta fase, tem sido associado a problemas escolares (faltas, repetência, evasão escolar e dificuldade de aprendizagem), sociais (relacionamentos com outros usuários e envolvimento em atividades ilegais), características de personalidade (intolerância à frustração, desinibição, agressividade e impulsividade), transtornos psiquiátricos e problemas familiares.³⁰

O estudo ainda aponta que as relações familiares com os usuários exercem grande influência no início e na manutenção do consumo de álcool, tabaco e maconha desses adolescentes. Existem ainda fatores de menor intensidade como: ter membro da família que abusa e/ou é dependente de alguma substância, violência doméstica, desorganização familiar, viver apenas com um dos pais, pouca comunicação entre familiares e falta de suporte e monitoramento familiar.

O estudo foi desenvolvido em 50 escolas públicas estaduais dos municípios de Jacareí e Diadema (São Paulo, Brasil); amostra total, que foi constituída por 965 adolescentes e apontou que: 570 (62%) não usaram nenhuma substância, 208 (22,6%) usaram apenas álcool, 24 (2,6%) apenas tabaco, 54 (5,9%) álcool e tabaco e 63 (6,9%) usaram alguma droga ilícita nos 30 dias anteriores à entrevista. As drogas ilícitas utilizadas foram: maconha (n = 27; 2,9%), tranquilizantes (n = 17; 1,8%), anfetaminas (n = 15; 1,6%), ecstasy (n = 10; 1,1%), inalantes (n = 10; 1,1%), cocaína (n = 8; 0,8%), alucinógenos (n = 4; 0,4%) e anabolizantes (n = 4; 0,4%).

Em resumo, o estudo indica cinco categorias de consumo bem estabelecidas: não uso, uso somente de álcool, uso somente de tabaco, uso de álcool e tabaco, e uso de drogas ilícitas. O estudo indicou ainda que o consumo de álcool e tabaco pode estar aumentando as chances dos adolescentes referirem problemas familiares ou os problemas familiares podem estar aumentando as chances de consumo destas substâncias.

O estudo proposto por Flávio Pechansky, Claudia Maciel Szobot e Sandra Scivoletto aborda o uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e

²⁹ MARTINEZ, Kalina Isela et al. Resultados preliminares del Programa de Intervención Breve para Adolescentes que Inician el Consumo de Alcohol y otras Drogas. *Salud Mental*, v. 31, n.2, p. 119-127, mar./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/sm/v31n2/v31n2a6.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

³⁰ MALBERGIER, André; CARDOSO, Luciana Roberta Donola e AMARAL, Ricardo Abrantes do. Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 678-688, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n4/07.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

fatores etiopatogênicos traz uma estatística relevante da *American Academy of Pediatrics*, na qual expõe que haveria seis estágios no envolvimento do adolescente com SPA: abstinência, uso experimental/recreacional (em geral limitado ao álcool), abuso inicial, abuso, dependência e recuperação.³¹

Outro estudo exposto foi desenvolvido por Pechansky e Barros feito com 950 jovens entre 10 e 18 anos indicou que em 71% deles é a experimentação de experimentação das bebidas alcoólicas.³² Ainda segundo Pechansky, Szobot e Scivoletto,

O uso problemático de álcool por adolescentes está associado a uma série de prejuízos no desenvolvimento da própria adolescência e em seus resultados posteriores, como será detalhado. Os prejuízos decorrentes do uso de álcool em um adolescente são diferentes dos prejuízos evidenciados em um adulto, seja por especificidades existenciais desta etapa da vida, seja por questões neuroquímicas deste momento do amadurecimento cerebral.³³

Ainda segundo o estudo, o uso de álcool por menores de idade está mais associado à morte do que todas as substâncias psicoativas ilícitas em conjunto; estar alcoolizado aumenta a chance de violência sexual, tanto para o agressor quanto para a vítima; está associado a uma série de prejuízos acadêmicos. Por fim, o uso de álcool em adolescentes está associado a uma série de prejuízos neuropsicológicos, como na memória.

[Recebido em: outubro de 2012

Aceito em: maio de 2013]

³¹ PECHANSKY, Flavio; SZOBOT, Claudia Maciel e SCIVOLETTO, Sandra. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 26, suppl.1, p. 14-17, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v26s1/a05v26s1.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

³² PECHANSKY e BARROS apud PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004.

³³ PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004, p. 16.